



NORMALIZAÇÃO DA VIDA PORTUGUESA

O 1.º DE MAIO É FERIADO NACIONAL

O Serviço de Informação das Forças Armadas entregou-nos o seguinte decreto-lei que institui, finalmente, o 1.º de Maio como feriado nacional — «Dia do Trabalhador»:

«Tendo a Junta de Salvação Nacional assumido os poderes legislativos que competem ao Governo, decreta, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º: É instituído como feriado nacional obrigatório o dia um de Maio, considerado o «Dia do Trabalhador».

Artigo 2.º: Este diploma entra imediatamente em vigor.

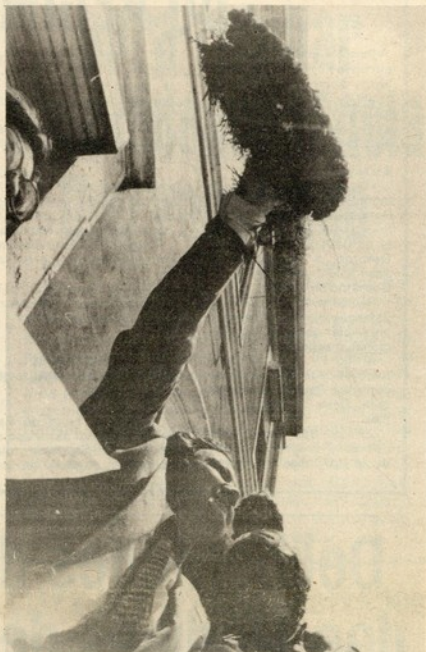
Visto e aprovado pela Junta de Salvação Nacional em 27 de Abril de 1974».

Assina o decreto-lei o presidente da Junta de alvação Nacional.

Esta medida reivindicação constante de todos os movi-

mentos progressistas, tem sido exigida pelos vários movimentos oposicionistas, assim como pelos organismos representativos das classes trabalhadoras. Este dia, como já o manifestou a Junta do Poder, deverá ser consagrado a manifestações populares que passem a ser reconhecidas, devendo obedecer, no entender da mesma Junta, a um regulamento mínimo — aviso prévio com indicação da hora, e ruas a percorrer, constituição de um serviço de ordem, etc.

Tudo leva a crer que na quarta-feira as manifestações populares que se encontram marcadas decorrerão entre as 13 e 19 horas, num percurso compreendido entre a Alameda D. Afonso Henriques e a Av. Rio de Janeiro e o Saldanha e o Trreiro do Paço.



O «leader» socialista Mário Soares, primeiro exilado político a regressar ao País, ergue em V em flores, do varandim da estação de Santa Apolónia, para a multidão que delirantemente o aclama

Serão reintegrados os funcionários despedidos por motivos políticos

A Junta de Salvação Nacional aprovou o seguinte decreto-lei:

«Tendo a Junta de Salvação Nacional assumido os poderes legislativos que competem ao Governo, decreta, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º. 1 — São amnistiados os crimes

políticos e as infracções disciplinares da mesma natureza.

2 — Para o efeito do disposto neste decreto-lei consideram-se crimes políticos os definidos no art.º 39.º, único do Código Processo Penal, com inclusão dos

Continua na pág. 24

Desertores querem voltar e pedem amnistia

PARIS, 29 (R) — Desertores do Exército Português, que se encontram espalhados pelo mundo e que preferiram ir deliberadamente para o exílio em lugar de combaterem nas colónias africanas de Portugal, fizeram hoje um apelo para que seja concedida uma amnistia e se travem imediatamente negociações para pôr termo às guerras coloniais.

Lançam esse apelo num comunicado difundido nesta capital e assinado por 142 exilados portugueses que vivem em França, Suécia, Suíça, Finlândia, Itália, Brasil e Bélgica.

Um informador dos exilados afirmou mais tarde que telegrafara ao Movimento das Forças Armadas informando que um grande número de exilados

portugueses em França regressaria amanhã, terça-feira, em massa à Pátria para assistir às comemorações do 1.º de Maio.

E o seguinte o texto do comunicado:

«Os abaixo-assinados, jovens portugueses desertores e refractários, saudam o glorioso Movimento das Forças Armadas que derrubou o Governo caetanista e iniciou o processo de liquidação do regime fascista que há quase meio século oprimia o Povo Português.

«Conscientes da importância e transcendência da situação política actual em Portugal e orientados pelo desejo ardente de servir a causa da democracia, da liberdade e da paz, que são os objectivos proclamados do Movimento das Forças Armadas.

«Como jovens que devido à política colonial antipatriótica dos Governos de Salazar e Caetano, de que as próprias Forças Armadas foram vítimas, tomamos a decisão de nos libertarmos com energia a determinação das guerras coloniais, buscando-nos a ser mobilizados, escolhendo o caminho da luta por um Portugal livre».

«Convidamos hoje como ontem a toda a solução do problema que nos assola».

1 — Numa discussão livre e profunda pelo Povo Português sobre este problema crucial da vida política nacional,

— Na abertura imediata de negociações com os representantes dos Movimentos de li-

Continua na pág. 24

Concretiza-se o regresso dos exilados políticos

Algumas das mais instantes reivindicações dos democratas portugueses, ao longo do meio século em que imperou a repressão fascista, estão felizmente a ser satisfeitas pela Junta de Salvação Nacional: a libertação dos presos políticos, a abolição da censura, a extinção da Polícia Secreta e o regresso dos exilados. Tais medidas foram imediatamente tomadas, constituindo indicativo seguro de que as Forças Armadas pretendem a normalização da vida política do País e a instauração de um regime verdadeiramente democrático em que tenham lugar todos os portugueses.

Se todas as medidas são importantes, assume significado especial que se refere ao regresso dos exilados políticos, iniciado ontem, da melhor maneira, com a chegada a Lisboa, onde teve apoteótico acolhimento, do «leader» socialista dr. Mário Soares, qua se fazia

acompanhar de Ramos da Costa e Tito de Morais.

E preciso não esquecer que, entre os exilados pelo salazarismo-marcelismo se encontram algumas das mais ilustres figuras da vida portuguesa nos mais diversos domínios: escritores, intelectuais, professores, cientistas, todo um escol de que o regime fascista privava o País, como se este fosse tão rico de valores que os pudesse dispensar sem grave prejuízo para a comunidade.

Aguarda-se, agora, a todo o momento, a chegada de Rui Luís Gomes (o qual deverá estar em Lisboa no próximo dia 6), Fernando Pileira Santos, Alvaro Cunhal, Sarmento Pimentel, Manuel Alegre, Miguel Urbano Rodrigues, José Ervedosa, Eurico de Figueiredo, Manuel Valadares, José Morgado, Francisco Miguel e tantos outros. Hoje e amanhã, a fim de estarem presentes nas manifestações do 1.º de Maio, deverão chegar muitos deles.



ININTERRUPTAMENTE; O POVO MANIFESTA NAS RUAS DE Lisboa a sua alegria

Edição de
32 páginas



Populares destroem o carro de um agente da Pide estacionado na Rua Duque de Bragança

Manifestações e "caça" aos PIDES

As manifestações espontâneas continuaram durante todo o dia de ontem com grande vitalidade. Como se as pessoas não tivessem dentro de si um limite para o esgotamento. O povo, vivendo os momentos de festa que sucederam à queda do fascismo parece sentir uma necessidade inesgotável de transbordar os sentimentos largo tempo guardados em silêncio.

De manhã, milhares de pessoas acorreram a Santa Apolónia para aplaudirem a chegada de Mário Soares, um dos primeiros exilados políticos a entrar no País. Cívicamente manifestaram um apoio feito de emoção e lucidez ao homem que foi um dos mais incansáveis lutadores no combate travado contra o fascismo.

A tarde, no Rossio, onde permaneceu agarrada à estátua de D. Pedro IV a bandeira vermelha do M. R. P. e as inscrições convocatórias para o Primeiro de Maio Vermelho, grupos de activistas políticos ocuparam o local e estiveram permanentemente a fazer discurso. A multidão circulava en-

treo Rossio e a Praça da Figueira lançando o grito: «Povo unido jamais será vencido». De repente surgia o alarme de que havia indivíduos «suspeitos na zona» e as pessoas tentavam cumprir a missão revolucionária de não deixarem escapar os carrascos que tanto fizeram sofrer o povo português.

Cerca das 19 horas foram presos mais três «pides». Um deles andava disfarçadamente no meio da multidão, no Rossio, e esteve à beira de ser linchado pelas pessoas que saltaram sobre ele. Os militares, no intuito de evitarem esse espectáculo dispararam várias rajadas de metralhadora. A multidão dispersou imediatamente. Algum tempo depois foram presos pela Polícia Militar mais dois «pides», numa taberna do Poço do Borrão, perante a expectativa de centenas de pessoas.

Entretanto as massas populares ocuparam e destruíram a sede da antiga Mocidade Portuguesa, no Palácio da Independência, atirando pela janela móveis, envelopes, arquivos e outros objectos que ali se encontravam.

Durante umas horas aquele edifício, símbolo do fascismo, tornou-se em sede popular, tornou-se em sede popular, tornou-se em sede popular. Durante umas horas aquele edifício, símbolo do fascismo, tornou-se em sede popular, tornou-se em sede popular. Durante umas horas aquele edifício, símbolo do fascismo, tornou-se em sede popular, tornou-se em sede popular.

As manifestações continuaram. Entre as muitas a que assistimos destacamos uma delas constituída essencialmente por jovens operários que exigiam através de cartazes e «logos» o julgamento público dos criminosos fascistas e também a instauração das liberdades sindicais.

Carcereiro da PIDE suicida-se

PORTO — Um carcereiro da ex-PIDE/DGS, António Domingos Alves, de 59 anos, da Rua do Heroísmo, 324, rés-do-chão, nesta cidade, suicidou-se ontem na sua residência, com um tiro de pistola na cabeça.

Os vizinhos, que ouviram o disparo, chamaram as Forças Armadas, tendo comparecido no local um oficial e algumas praças, que encontraram o indivíduo prostrado. Conduzido numa ambulância da Cruz Vermelha ao Hospital de Santo António, ali chegou já sem vida.

Durante o dia, verificaram-se mais alguns casos de denúncia, por populares, de elementos da temida organização, sem que nenhum deles tenha sido de grande importância.

A desactivação da sede da DGS em Setúbal

SETUBAL — Manifestando a sua repulsa pelos crimes praticados pela PIDE/GNR, a população desta cidade acompanhou em massa as operações de desactivação no edifício daquela execranda organização. Não obstante os pedidos de calma, um indivíduo visto nas imediações e identificado como sendo um

elemento daquela política, foi violentamente agredido pelos populares, tendo sido protegido pelos militares, que o conduziram ao Hospital de S. Bernardo.

Várias pessoas da zona, testemunhando a sua simpatia pelas Forças Armadas, ofereceram ao militares, durante a noite, café, guloseimas e cigarros.

DETIDO UM SARGENTO-PIDE

O sargento do posto da GNR de Alpiarça, Pires de nome e «pide» de coração, foi esta manhã detido por elementos do Exército.

Foi a sua salvação: enorme multidão preten-

A chegada ontem a Lisboa do dr. Mário Soares, secretário-geral do Partido Socialista Português, e do dr. Ramos da Costa e eng. Tito de Moraes, dirigentes daquele agrupamento político, todos exilados há longos anos no estrangeiro, constitui um dos factos políticos mais importantes desde a revolução de 25 de Abril. Marca um passo decisivo no sentido da inteira legalização dos partidos políticos e da institucionalização de uma sociedade democrática.

Obedecendo a um apelo do Partido Socialista, largamente divulgado pela imprensa e pela rádio, milhares de pessoas concentraram-se em Santa Apolónia. Canções, vivas às Forças Armadas, ao socialismo e contra a guerra, criaram um ambiente de quente entusiasmo.

O «sud-express» entrou na gare às 12 e 50. Parou antes do fim do cais, por determinação do capitão Evaristo, comandante da força militar encarregada de garantir a segurança dos três dirigentes socialistas. A travessia de uma parte do cais e das salas interiores de Santa Apolónia foi feita com grande dificuldade, uma vez que milhares de pessoas pretendiam abraçar, apertar a mão, a Mário Soares e aos seus dois companheiros de exílio.

Minutos depois, Mário Soares apareceu à varanda sobre a entrada principal da estação de Santa Apolónia. Ladeavam-no o capitão Evaristo, dr. Francisco Ramos da Costa, eng. Tito de Moraes, dr. Magalhães Godinho, Dias Lourenço, dirigente do Partido Comunista Português, Palma Inácio, dirigente da L.U.A.R. e autor do assalto à filial do Banco de Portugal na Figueira da Foz, e Manuel Serra, um dos dirigentes da revolta de Beja.

Milhares de pessoas que enchiam completamente o Largo dos Caminhos de Ferro vitoriam entusiasticamente o nome do secretário-geral do Partido Socialista Português, repetiram em coro «O povo unido jamais será vencido», aclamaram as Forças Armadas. Num ambiente de entusiasmos delirantes, a multidão cantou o Hino Nacional.

UMA IMAGEM DE DISCIPLINA

O dr. Mário Soares proferiu então uma alocução, frequentemente interrompido por gritos de Socialismo, vitória, «fim da guerra colonial», unidade:

«As minhas palavras são para

aqueles que ainda aqui não se encontram e que não têm a possibilidade de viver estes momentos, para homens como Rui Luís Gomes, Alvaro Cunhal, Fernando Piteira Santos e Manuel Vadalares, para todos aqueles que ao longo destes sombrios quarenta e oito anos nunca se renderam ao fascismo».

Depois afirmou: «Quero também dizer uma palavra para as Forças Armadas. Restituíram a voz e a alegria ao povo português, acto histórico que não podemos esquecer. Mas é agora ao povo, aos trabalhadores, que compete a tarefa principal, organizar a democracia e pôr fim à guerra colonial».

Gritos de «julgamento», «julgamento dos criminosos da PIDE», foram proferidos pela multidão quando Mário Soares prosseguiu: «Tenho também, camaradas, que recordar aqueles que ficaram no caminho e, como símbolo de todos, o general Humberto Delgado. Tenho ainda que recordar aqueles que nas cadeias resistiram heroicamente, como Manuel Serra, Dias Lourenço e Palma Inácio. E temos que pensar nos cem mil desertores que estão fora do País. E temos que pensar, sobretudo, nos dois milhões de trabalhadores que saíram de Portugal por não encontrarem aqui condições humanas».

A terminar, Mário Soares afirmou: «Temos todos muito que fazer para a reconstrução da nossa Pátria, para lhe garantir o prestígio internacional de que estava carecida. E essa obra terá de ser feita a favor das classes trabalhadoras, para que a riqueza vá para as classes trabalhadoras e não para os parasitas. E necessário que todos sejamos dignos desta hora, que demos uma imagem de dignidade, responsabilidade e disciplina».

Mário Soares anunciou depois a presença do sr. dr. António de Macedo, presidente do Partido Socialista Português, o qual foi saudado com aplausos e aclamações.

FIM DA GUERRA

Em nome da comissão executiva do movimento C.D.E., usou depois da palavra a sra. D. Helena Neves. Depois de saudar em Mário Soares, Ramos da Costa e Tito de Moraes os companheiros que regressam a Portugal para continuarem o combate, disse que se impõe a presença na nossa vida política de todos os que ainda se encontram no estrangeiro, como Alvaro Cunhal, Rui

Anuladas suspensões no Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Recebemos do Instituto Superior de Psicologia Aplicada o seguinte comunicado:

«Considerando os propósitos de concórdia entre os portugueses proclamados pela Junta de Salvação Nacional, a direcção do Instituto Superior de Psicologia Aplicada

resolve anular as suspensões que resultaram do processo disciplinar instaurado há alguns meses a cinco alunos e permitir o pagamento da 2.ª prestação de propinas aos que estavam impedidos de o fazer.»



De braços abertos (em primeiro plano) Mário Soares saúda a multidão que o aguardou em St.ª Apolónia

Luís Gomes, Francisco Miguel, Pires Jorge, Barradas de Carvalho, Sofia Ferreira e Miguel Urbano Rodrigues. Mais adiante, afirmou que a libertação dos presos políticos e o regresso dos exilados são as duas mais importantes conquistas do povo português depois de iniciada a libertação do País com a sublevação

das Forças Armadas, para concluir:

«Os combates têm de continuar a lutar pelas liberdades fundamentais, pelo fim da guerra colonial, por melhores condições de vida para todos os trabalhadores, pela instituição de uma sociedade justa e progressiva».

HOMENAGEM À VIÚVA DE HUMBERTO DELGADO

Viveu-se então um momento de grande emoção. Assomou à varanda a viúva e a filha de Humberto Delgado. A multidão gritou «morte à PIDE», «assassinos», «julgamento». A viúva de Humberto Delgado abraçou

a chorar Mário Soares, a cuja acção se deve a prova de que o antigo candidato à presidência da República foi assassinado pela PIDE.

Por fim, proferiu algumas palavras o dr. Magalhães Godinho. Saudou em Mário Soares, Ramos da Costa e Tito de Moraes todos os que resistiram ao fascismo e recordou, a propósito, os nomes de Alvaro Cunhal, Rui Luís Gomes e José Morgado. Logo depois exclamou: «Honra, glória e louvor às Forças Armadas que souberam lançar fora das suas fardas a lama». E disse a terminar: «Sem quebrar o elan das massas populares, sem abrandar a luta pelo fim da guerra colonial, devemos manter a ordem — os desordeiros são os fascistas».

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA EM SANTA APOLÓNIA

Numa das salas do segundo andar da estação de Santa Apolónia, realizou-se depois uma breve conferência de imprensa.

Mário Soares declarou considero o Programa do Movimento das Forças Armadas base de trabalho válida e definiu o general Spínola como um militar corajoso e digno de inteiro respeito.

Declarou que a autorização de associações cívicas se aplica apenas a partidos políticos a constituir, mas não ao Partido Socialista e ao Partido Comunista, uma vez que já existem e que foram fundamentais na luta antifascista.



Mário Soares recebe os cumprimentos dos amigos que o esperavam. Do centro (de gravata e cravo) Hermínio Palma Inácio



Referiu que o Partido Socialista tem mantido estreitos contactos com o Partido Comunista, tendo sido publicada uma declaração comum antes das eleições de 1973 e uma outra declaração muito recentemente.

Em relação ao problema da guerra colonial, disse que os dirigentes dos movimentos nacionalistas, sempre lhe afirmaram que não se batem contra o povo português, mas contra o fascismo e o colonialismo. Julga que esses contactos deverão ser prosseguidos, a fim de se pôr fim à guerra rapidamente.

Referiu que o Partido Socialista considera que os desertores, cerca de cem mil, constituem uma grande parte da riqueza do nosso povo, sendo necessário promover o seu imediato regresso a Portugal.

Ainda em relação à guerra, disse considerar as declarações da Junta de Salvação Nacional como um ponto de partida para uma solução, uma vez que a decisão é confiada a uma votação livre do nosso povo. E acrescentou esperar que o povo se pronunciará no sentido da autodeterminação.

Anunciou, também, que o Partido Socialista irá abrir, em breve, uma sede.

ENTREVISTA COM O GENERAL SPÍNOLA

Terminada a conferência de imprensa, o dr. Mário Soares, assim como o dr. Ramos da Costa e eng. Tito de Moraes, partiram para o Palácio da Cova da Moura, escoltados por Jeeps do Exército e por motocicletas da polícia. Foram seguidos por centenas, talvez milhares de automóveis. Buzinas a tocar sem interrupção, gritos de vitória, apelos à unidade, bandeiras nacionais ao vento, o cortejo correu as artérias que conduzem, ao longo dos cais, de Santa Apolónia à Avenida Infante Santo.

No Palácio da Cova da Moura, o dr. Mário Soares foi recebido pelo general Spínola. Depois de se terem abraçado efusivamente, os dois homens políticos, acompanhados pelo dr. Raul Rego, director do nosso colega «República», conferenciaram durante cerca de meia hora.

A saída, o dr. Mário Soares



Durante a conferência de imprensa em St.ª Apolónia dada por Mário Soares

declarou aos jornalistas a intenção de colaborar com a acção do Movimento das Forças Armadas, no sentido da instauração em Portugal de uma sociedade democrática, colaboração que realizará conjuntamente com todas as outras forças progressivas, sem qualquer discriminação.

BUCARESTE

viagens especiais para

TRATAMENTO GERIÁTRICO

PARTIDAS: 12/5, 9/6, 14/7, 11/8 e 15/9

15 DIAS 19.880\$

(TUDO INCLUIDO)

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

Fundada em 1940

LISBOA: Av. da Liberdade, 300 - Telef. 32 00 21

PORTO: Av. dos Aliados, 207 - Telef. 3 79 21

COMBURA: Rua da Sota, 2 - Telef. 2 70 1/2

OLIVAU TO

AV. MADRID, 14-B

T.E.L. 714391-714388

AUTOMÓVEIS de ALUGUER